



© Do Autor
Direitos desta edição: Prefeitura Municipal de Porto Alegre



Prefeito: RAUL PONT

Vice-Prefeito: JOSÉ FORTUNATI

Secretária Municipal da Cultura: MARGARETE MORAES

Editor: Fernando Rozano

Técnicos em Cultura: Rosane Maria Fluck
Maria Tereza Zatti

Revisão: Do autor
Unidade Editorial: Baiard Brocker
Ana Natacha Marins

Editoração Eletrônica: Cempthom

Capa: Escultura Série "Gabirus", reprodução da foto de Gonzalo Mezza, publicada no Catálogo Stockinger, 1999 (PMPA/SMC e Secretaria de Estado da Cultura/RS)
Foto de Porto Alegre, de Aline Gonçalves, com manipulação eletrônica

Logomarca da Unidade Editorial criada e gentilmente cedida por Flávio Wild - Macchina

C287a Carmo, Paulo Roberto do, 1941-
Arte de revidar. Porto Alegre, UE/Secretaria Municipal da Cultura, 2000
33p. 16cm. (Petit PoA)

I. Poesias brasileiras I. Título II. Coleção

CDD B869.1

Ficha catalográfica elaborada pela BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL JOSUÉ GUIMARÃES

Apresentação

Arte de Revidar

À arte de fazer poesia, interessa tudo: o ritmo, a melodia, o som, a rima, a ausência de rima, o sentido (significante e significado) e a forma. Ah, a forma, que tantas discussões tem gerado. A poesia de Paulo Roberto do Carmo não necessita comentário, apresentação, prefácio. A poesia, quando de alto nível, elide os intermediários, os atravessadores, os intérpretes. Assim, deixemos a poesia de Paulo Roberto do Carmo tocar diretamente o coração de seus leitores e falemos um pouco da *Coleção Petit Poa*.

No princípio, era a caixa. E cada caixa continha quatro poetas. E a caixa-de-poesia virou objeto de culto. Havia poesia no objeto que dentro de si carregava poesia: forma e forma imbricadas. Como poucas vezes, a questão do objeto-livro tinha sido editorialmente resolvida. A grande sacada da coleção parecia insuperável.

Hoje, relançamos a *Coleção Petit Poa* sob nova forma: o livro-envelope, solução formal tão revolucionária quanto aquela que originou a coleção e que agora viajará pelo mundo.

Charles Kiefer

Coordenador do Livro e Literatura

De ser homem sei,
tudo de mim principia:
o espírito a arder
das tábuas do coração,
o sangue andarilho,
o povo,
suas pequenas ilfadas
e eneidas e bíblias,
milícias de lírios
e lanças em vigília
tambores
contra a infância,
os insultos

De ser homem sei
o que fazer de meus dias:
a dançar porque canto,
ao som dos relâmpagos
darei o outro nome
das coisas.
Não o de espelho, o avesso,
mas o nome que as coisas têm
quando olhadas, ouvidas, sentidas
e comidas por olhos e bocas
e orelhas e dedos das anêmonas,

dos javalis, das pedras, dos girassóis.
Dos homens não!

De ser homem sei
o que fazer de meus dias,
e fundo meu reino:
beberei águas de mel
ao luar,
ervas e trevas, o sonho
transpassando o peito
entre palavra e revelação.

Do ofício das mãos,
depois do exílio pela fome
e das ruínas da palavra-viva
hei de quebrar as bilha do corpo.

Das profanações,
exporei as feridas ao mundo.
Das lascivas carnes em flor,
pela alma, mesmo por despojo,
ainda sustentarei o sonho.

Da aprendizagem dos estigmas,
de coração justo

não me curvo
senão à alegria
de outra estrela
que me puxa pela lapela.

Nada me espreita ou ofende,
ninguém, nem as serpentes.
De seus venenos
filtro o êxtase,
o absinto das agonias.

Tudo fala por minha boca,
os utensílios da casa,
o cordeiro e o leão,
as raízes interditas
e pedras avoantes,
enxames delas,
como pássaros bêbados
escancarados do homem,
que não há gravidade dos sonhos.

Tudo fala por minha boca
os olhos e os pés
que a terra há de comer,
a foice que sega os dias.

De tudo que é de todos,
o povo,
por assovios e sinais,
cercará os chacais
entre golpes e alaridos
de alegria, como odres
que se quebram, e os cajados
cairão sobre suas cabeças.

Dentro de mim,
nas résteas das coisas
que me acolhem,
sob chuva ou sol,
não estou só
na fogueira dos abraços.

Diante do espelho,
sósias de mim,
outras vozes
entretecem as redes do dia.

Eu e tu, que me ouves,
de claves de orvalho
na primeira tremura da manhã,
em seu côvado, por nossas mãos,
o sol vem nelas beber,

até abrir-se o sonho,
egresso, tateante à luz.

Eu e tu, que me ouves,
por nossas mãos e pés,
atravessaremos o deserto.

Apenas um cantil de lágrimas,
gema, leite e mel
e atravessaremos o deserto.

Uma esponja apoiada
de consuptivas felicidades,
de légua em légua,
para abrandar
os surtos do desejo,
e atravessaremos o deserto.

Por nossos pés e mãos
e têmeoras em febre,
nas infusões de neve e suor,
até a fria Lapônia,
atravessaremos o deserto.

Eu e tu, que me segues,

a espada por nossas mãos:
a que mata
por onde esperamos
(desvixentes e calados),
e a que salva
a ferir a alma das manhãs.

Eu e tu e o sonho
que lavamos com sangue
e memórias e aromas
de orvalhados futuros
de repente
acendemos os cristais do dia
e como as lontras,
estremunhamos.

É quando nos banhamos
muitas vezes na mesma dor,
na mesma fome comum.

É quando sabemos
que é dia de levante:
dos damos direitos
e repartimos deveres.

A paixão, pela espada
a ética pela boca das palavras,
subiremos pelas ancas do destino,
e veremos sua frente, o sol dentro –
e tudo que amamos, de ações plúrimas,
virá a seu tempo, em renovo,
a ecoar outros ventos,
um sopro que alará os corações,
de amor encarnados
sob as raízes deste paraíso,
como a verdade que se reinventa,
caminhante,
que a tudo imprime outro vdo,
outro ser de mesmo nome.
Verdade e revolução
- temporãs ou tardias,
no fervor do sangue –
mas de exata libertação

Cada lume de memória
do tempo em que vivi
é um fogo não-extinto.
Cada lume, cada punhal
do tempo em que nos assassinaram
é um fogo que não se extingue.

Cada pedaço de chão
em que piso,
à beira do abismo,
com minhas botinas
de trigos futuros,
é um campo de honra.

Cada casa que levanto
com a escultura das mãos,
o barro amassado
com suor de alma
e a resina destas magras túbias,
é uma casa de honra.

Cada máquina que fabrico
com o motor dos músculos
e os parafusos
de meus dedos, engrenagens
que se movem ara nenhum lugar,
meus afogados ossos
nas graxeiras de um sonho inútil,
é uma máquina de honra.

A dor suportada
a caliça, a graxa,

a esperança acaudilhada
a fome engolida
os acicates das entranhas
os desejos escancarados
os nada circadianos
que se cobrem de cinzas.

Cada círio da memória
cada pedaço de chão
cada casa que levanto
cada máquina que fabrico
cada dor suportada
cada fome engolida
brotam os grãos
que planto no ventre da terra
com estas mãos irrompidas,
cavando, dos jazigos.
Com o laço dos cíngulos
colheremos os frutos vicejados
e do espírito, de sua espremedura,
encheremos o cálice da boa ira,
deuses e homens conjurados.

Meu sustento é o futuro,
o presente como quem sonha de águias.

entre os chacais
e o sangue derramado do cordeiro
que eu nasci com esse caos.
Eis que tudo
sendo movimento
a arder de mim,
não me comprem,
não me vendem,
não me podem crucificar.

Com pó e cinza e lágrima
eu moldo a argila das horas,
de joelhos, quero levantar-me
e os calendários me devoram pelas entranhas.

A cavalgar por este chão de crimes,
eu toco a mola dos dias,
e o sonho é meu servo.
Aprendo a arte de revidar.

Sonhar pouco
é coisa de homens
sonhar muito
é digno dos deuses
o mal revidado

e o bem a engravidar-se
do sonho do outro bem
que nasce e vive
que dança e canta
que cria e faz
o impossível dos possíveis
e morre
é tarefa de homens.

Assim como o sol
converge para tudo
que é móvel ou imóvel,
e abre os gerânios,
atiça o cio dos tigres,
eu domo a matéria
dentro das coisas
para que me sirvam
a mim, e eu a elas,
como um édito de livramento.

Quando o instante
amarra a hora pelos pés
com tranças de seda
e a posso ver e tocar sua asa,
eu então liberto um desejo,

o que mais me açoita
como feitor,
o que se rebela contra mim,
o que é mais peixe sem bússolas
e se afoga nas próprias águas,
em qualquer pupila, em seus nadas,
na inocência,
só de ser olhado pelo outro,
pássaro ou homem,
contra a sua vontade.

Cavalgando
as águas do tempo,
as tēmporas ao vento,
abraso as ferraduras ao sol,
e me deito com a lua,
despindo-a
de seu bordado xale de estrelas-do-mar.
Depois, entre pistilos, estames e pólenes
escolho a mais ardente flor
de seu jardim de cristais,
tiro paletó, camisa, gravata
e calças – e começo a abrir
a cortina de suas revelações.

De esguieiz, sorrateiro
salto entre serpentes,
e mato um pouco a morte
de cada palavra
que abre as pálpebras
com língua bífide
que quase quer voar
sem ter asas.

Com os relâmpagos,
tiro o visível
do invisível.

Pelos deuses sedentos,
por tudo o que se perdeu,
inda em sonhos e brumas
mas de exata cerzidura.
Na fundições da esperança,
há uma fonte que brota de mim
a regar a flor (e seus espinhos)
que viça de minhas chagas abertas.

Pelos deuses famintos
e contra eles fabrico
adaga e sabre

de meus próprios ossos,
e ainda que eles me espremam
devagar nos lagares,
com os pés de ferro,
esganando a minha voz,
até o coração sangrar
calando sob as cangas,
eu não saciarei!

Se os deuses
me amortalam o corpo,
de tão íntimo de mim,
que não me movo
entre círios e coroas,
pio e frio e lidado
por mãos alheias,
e perfumado –
o que fazer da minha alma
e dos tigres de espírito,
que não se deixam prender?

O pior deus,
O que me encara com medo,
com amor, com ira,
é o que se deixa governar

pelo homem
que governa o povo.

E ainda que me esfole
com sete lâminas
entre o pé e o escalpo,
o deus faminto
não conhecerá o barulho
de minha plenitude
que mais se fortalece
pendurada sobre o abismo,
diante da morte.

Caçador de fomes,
com minha sede
não viverei da mão para a boca,
sob o jugo alheio.

Morador das sombras,
em suas frestas
deitarei redes e anzóis,
a fisgar estrelas-do-mar
e peixes e cometas
para uma festa de violas,
flautas e clavicórdios.

O quase impossível
de o homem realizar
é só quase.
Regozija-te
se ainda podes
ruminar a dor,
fazer dela
músculo e sangue,
urro e alma.

Regozija-te
se ainda podes
semear-te no cio
dos ventos, colher
os augúrios da terra,
lavar-te
ao sol do coração.

A golpear o destino,
esse animal de levantes,
mal a vara da palavra
desperta, tumultuária
nas ardósias da madrugada,
aprendo a soletrar outras grafias,
outros rumos, outras mitologias.

Com os galos da manhã
apregôo o enterro das culpas
em urnas cinerárias
de ritual grego. Apregôo
o alarido de flautas de Pã
entre todos os irmãos
de sonho, sangue, espada.
Aprendo a arte dos revides,
a arte de não calar
no mármore da memória
o tão porfiado desejo.
O que não se quebra, não se dobra,
não se extingue, o desejo.
da alma contra a ventania,
para tão alto voar,
entre casas e infâncias,
mesmo com asas de cera.

É assim o meu desafio –
no ritmo das primeiras agonias,
a danças contra a esperança,
seguro firme as bridas
de um destino desobediente:
a partida de exata revelação,
o andar rastejante,

o tempo e sua foice,
o deus surdo,
um sonho destronado
e o dia sempre sem chegada.

Meu pasto é a palavra:
o ânimo vem do respiro das coisas,
do que poderia ser,
do que tem voz,
do relógio das mãos
que aprendem a desmontar
fechaduras (as chaves
os poderosos escondem).
É assim meu desafio.

Sou homem.
E o sonho me pesa,
até aleijar-me as pernas.
A Terra toda não é o homem.
O homem todo não é a Terra.
No torvelinho cósmico
ele é um cisco ao sol,
é fezes de outro homem
que o devora,
por tese, ou moeda, ou ascese.

Sou homem.
E o sonho me liberta
as pernas. Até alar-me.

Sou homem e hecatombe.
Tenho nome e sobrenome.
Sou gentil-homem e lobisomem.
Vago a esmo
no corpo de outro homem
de mesmo nome.
Sou presa de um deus
que não crê em mim.

Sou homem.
Assim é que eu vivo.
Por não rastejar
com as gengivas,
ou esconder os dentes
da palavra, ninguém
não me cala o revide,
a rebeldia.

A fome a roer
o meu abdome
pelo buraco das úlceras,

pela ira das cicatrizes,
dela há de irromper uma voz
de muitas vozes –
e a fome, com cheiros
de sonhos e comidas,
aprenderá a cozinhar
a fogo brando os revides
de cada dia.

Aprendi as desancoragens,
não temer o jugo das fronteiras,
violar horizontes.
De cada coisa ou ser,
dos respiros do não,
aprendi a encher
as talhas do coração
com o sonho dos frutos
e o fruto dos sonhos.

De cada coisa ou ser,
dos respiros do não, e do sim,
aprendi que ninguém
me algema ao que não sou,
e além, sendo outro o sim,
que trago por escrito,

cicatriz e bronze –
sendo outro o não,
o que se despenha como lava,
aos gritos, nos ouvidos alheios.

Sobressaltado
pelos grandes sustos
que me sustentam,
entre alegria e dor,
caio de ponta-cabeça
no tempo, tomo sua foice,
colho as horas
como quem tira o joio do trigo,
e planto a palavra-viva.

Sombra de uma paixão,
uivo incontível de um desejo
a ruflar as asas sem lugar
nem pouso, o homem que aprendeu
a ser em tudo será chegada,
de braços com a alegria.
Do osso de sua costela
mais dilatada e amável,
do barro de seu desejo,
em plenitude, ei-la, a levantar-se

a mulher e companheira.
Unindo as coisas,
a roca e a rama de seda,
ambos se banharão muitas vezes
nas lavaredas do mesmo sonho.

No andar do tempo,
nas andas do nada,
velas em andrajos,
o que fazer,
depois de tantas
águas singradas,
de tantos sonhos
nafragados,
senão colher a infância
de outras mortes
o fogo soprado
nas primícias?

O homem
vai enferrujando a palavra,
até calar-se a esperança.
A morte
vai enferrujando a palavra,
até calar-se a esperança.
A morte
vai enferrujando o desejo,
até calar-se o destino.

Os que para a fome
é a fome
que está escrita
lavrada
decretada,
e se calam,
louvam a gula
dos grandes ladrões
no cão jurado das armas.

À flor do estômago,
cultivam a carne pouca
que mal se faz espírito.
E é dupla a fome.
E se calam.

Feito assim
igual e íntimo
entre os que sabem da felicidade,
sei para onde cava a enxada
sei para onde canta a palavra
sei para onde sangra a espada
sei para onde sangrar o silêncio.

De que matéria é feito o sonho,
o que o move nos sustentos:
os músculos do espírito,
os longos suspiros,
as rocas da alma,
a boca, o sexo,
o peixe das pupilas,
o que assassinamos
os dinheiros,
o ser o outro?

De que sonho é feito o tempo,
a rasgar as carnes
nos vergões do orgulho?
De repente, a argila treme:
eis a criatura que geme
onde quer o mundo,
e salta
sobre borras de ódio
e cai de pé,
a mudar o destino.

Afeitos à fome
nos açoites,
afeitos à morte

na memória das noites,
os deuses,
porque precisam de um rosto,
são meus inquietos.

Se me quiserem
cortar a língua,
para que cale,
então escreverei.

Se me quiserem
amputar os braços
para que não escreva,
então andarei.

Se me quiserem
cortar as pernas
para que não ande,
então sonharei.

Os sonhos às águas confiarei,
até perder-se
em uma curva qualquer do rio,
rumo ao mar,
onde nasci, e por ele
ainda renascerei,
vestido de outros sonhos
e outros deuses.

Para dizer
o que devia ser dito,
para fazer
o que estava destinado
a ser feito,
se assim o quiseram,
assim não se cumprirá.

Se os deuses
podem mover-se para mim,
e eu posso mover-me
diante deles,
então nos abraçaremos
no meio do caminho
de mãos dadas ao futuro,
pernas para dançar,
voz para cantar.

Se calar,
outro falará por mim.
Não calo. Não calaremos.

O quase impossível
de o homem realizar
é só quase.

Paulo Roberto do Carmo

Nasceu em Porto Alegre (RS), em 1941. Professor, tradutor. Publicou: *Crisbal, o Guerreiro* (IEL, 1966), *Estação de Força* (IEL/Movimento, 1987), *Breviário da Insolência* (Massao Ohno, 1990), *Livro de Preceitos* (Nejarim, 1993, Indicação Prêmio Açorianos, 1994), *Livro das Manhãs* (Parlenda, 1997, Prêmio da Fundação da Biblioteca Nacional, 1997), *A Revolução das Aprendizências* (Unisinos, 2000). Participação em diversas antologias coletivas e traduções (*Princípios de Crítica Literária*, de I. A. Richards, Ed. Globo, 1967).